

**Tradição e Oralidade:
dos fios da memória à rede das ciberculturas¹**

Júnior PINHEIRO²
Júnia MARTINS³

Resumo

Representantes da ancestralidade africana no Brasil e responsáveis pela manutenção e transmissão dos saberes e tradições culturais populares, os Mestres e os Griôs, em suas comunidades, assumem funções de noticiadores, mediadores e educadores – ativistas folkcomunicaçãois. Importantes agentes da cultura, eles vêm, por séculos, se utilizando da oralidade para difusão de seu conhecimento. Hoje, organizações não governamentais e políticas públicas estão buscando o reconhecimento destas tradições como patrimônio imaterial, bem como sua inclusão na matriz curricular das escolas públicas. O presente artigo analisa ações de registro e conservação das tradições dos Mestres e Griôs por meios fotográfico, audiovisual e hipertextual, bem como sua divulgação pela Internet. Entende-se que este processo de interação das memórias e oralidades com os meios de comunicação e o ciberespaço mostra-se como um objeto de estudo interessante para a Folkcomunicação. Para realizar tal intento, recorreu-se a uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório, com fontes bibliográficas e documentais, cuja análise se balizou pelo método fenomenológico.

Palavras-chave: Tradição Oral. Folkcomunicação. Cibercultura.

Introdução

As atividades comunicacionais ligadas à transmissão oral estão presentes nas relações humanas históricas em diversas sociedades, seja com fins noticiosos, educativos, lúdicos ou na transmissão de tradições culturais, por meio de narrativas contadas por homens e mulheres às gerações predecessoras.

Da Europa medieval aos impérios feudais africanos e asiáticos, a oralidade sempre possuiu forte respaldo social, político e religioso, pois o manejo hábil das palavras era considerado uma espécie de dom e, quase sempre, os signatários desta

¹ Artigo apresentado na XV Conferência Brasileira de Folkcomunicação, Campina Grande, Paraíba, 2012.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB e pesquisador associado à Intercom e à Rede Folkcom. E-mail: juniorpinheiro@ymail.com

³ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação – PPGC/UFPB. Pesquisadora associada à Intercom e à Rede Folkcom. Integrante do GRUPECJ/UFPB. E-mail: juniamartins@ymail.com

graça eram pessoas comprometidas com a verdade, com as tradições e divindades de seu povo. Havia uma grande preocupação na fidelidade dos fatos transmitidos e a manutenção da palavra era questão de honra – algo de importância maior que a própria vida.

A invenção da escrita, numa primeira hora, não diminuiu o respaldo dos mestres e sábios, detentores das tradições orais, pois além de pertencerem a uma linhagem própria, com certas regalias, os escribas precisavam constantemente recorrer a estes a fim de ouvir seus relatos para o devido registro. Contudo, com o surgimento da imprensa, e os posteriores momentos – industrial, científico-racional, iluminista e moderno – ocorreu, principalmente na Europa, um questionamento das tradições, do divino e, por conseguinte, das narrativas orais. Este ideário influenciou de modo determinante, o pensamento acadêmico, inclusive as atividades escolásticas coloniais aplicadas pelas nações europeias sobre o restante do mundo.

No noroeste africano, especificamente na região onde se situa o Mali, os detentores e transmissores das tradições culturais, por meio da oralidade, são conhecidos com *djeli*, mas foram nomeados com *griots* pelos colonizadores franceses. Donos de um saber único e depositários da memória social das tribos e grupos étnicos, os *griots* gozam de grande prestígio e credibilidade entre os povos africanos, atuando como artistas, mediadores e noticiadores, numa sociedade que valoriza e respeita indivíduos idosos, por estarem mais perto dos ancestrais.

Recentemente no Brasil, iniciativas oriundas de projetos sociais voltados à educação infanto-juvenil, na cidade de Lençóis – Bahia redescobriram as tradições *griots*, suas práticas e procedimentos, aliando-as às suas ações sócio-educativas. Ao incorporá-las e ressignificá-las dentro do contexto brasileiro, estas tradições deram origem à Pedagogia Griô, divulgada por todo o país devido à parceria entre o projeto Ação Griô Nacional e o Programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura, que integra também os Pontos de Cultura – ações do MinC que mostrou-se terreno fértil para a aplicabilidade da referida pedagogia.

Noticiadores, os griôs relatam fatos e acontecimentos e os compartilham com outras localidades, por meio da oralidade, além de transmitirem saberes e conhecimentos provenientes de outros períodos históricos. São também líderes comunitários respeitados, com grande reconhecimento e executam funções de

diplomacia junto a outros grupos sociais. Todas estas características posicionam os griôs num papel social que vai do intelectual orgânico, de Antonio Gramsci (1982), ao agente folkcomunicação, de Luiz Beltrão (2001).

No processo de ressignificação das práticas griôs, no modelo brasileiro, a tradição vem sendo recriada, contando com o suporte tecnológico advindo, em grande parte, das parcerias e apoios recebidos pelo projeto, principalmente pelos Pontos de Cultura. Assim, a tradição oralmente transmitida pelos griôs está sendo registrada e difundida por meios audiovisuais e hipertextuais, complementando a oralidade.

Oralidade e Folkcomunicação

Antes do uso de qualquer sinal gráfico como forma de comunicação, o ser humano recorreu ao gestual e à oralidade. Os primeiros sons evoluíram para a linguagem oral, forma de comunicação que por séculos foi utilizada para a manutenção das ciências e das tradições, tendo nos idosos a figura dos guardiões, dos transmissores de um conhecimento acumulado por gerações de antepassados e dos saberes e histórias preservados, em sua memória, como patrimônio imaterial.

Em diversas localidades, de vários continentes, a atividade de ensino-aprendizagem via oral era muito comum. De acordo com Pierre Lévy (1993), bardos, *aedos* e *griots* aprendiam seu ofício escutando os mais velhos. Estes anciãos possuíam grande respeito e consideração – características basilares das sociedades orais. Segundo Amadou Hampâtê Bâ (1982), as tradições africanas consideram que quando um ancião morre, é como se uma biblioteca se queimasse, se perdesse.

Atividade intrínseca à natureza fisiológica do ser humano, o uso cotidiano da oralidade não foi alterado pelo desenvolvimento da escrita e da imprensa. Contudo, em algumas sociedades, o conhecimento da escrita veio a desvalorizar o saber transmitido oralmente. Pierre Lévy (1993) propõe uma classificação na qual, segundo ele, existem sociedades com características de oralidade primária – onde ainda não há a escrita e a palavra possui função de gestão da memória social e há sociedades em que a oralidade desempenha um papel secundário, complementar ao da escrita, cujos textos, ao final, são os que permanecem.

Numa sociedade oral primária, quase todo o edifício cultural está fundado sobre as lembranças dos indivíduos. A inteligência, nestas sociedades, encontra-se muitas vezes identificada com a memória, sobretudo com a auditiva (LÉVY, 1993, p. 77)

Ainda assim, nas sociedades em que a escrita sobrepõe, formalmente, a oralidade, a formação social, além dos muros das escolas, mantém forte influência da transmissão oral. Conselhos morais, doutrinação religioso e outras formas de transmissão do conhecimento permanecem ligados à fala sábia dos mais experientes.

Não foram somente a institucionalização da educação e a escrita que afetaram a credibilidade e o reconhecimento da oralidade. A invenção de novos dispositivos de memória, mecânicos e posteriormente digitais, deram uma sensação de maior segurança àqueles que se valiam do registro dos acontecimentos. Assim, a função da memória e seu papel social foram alterados, bem como foi alterada a importância dada àqueles que antes eram os guardiões desta memória coletiva e que se valia da oralidade para sua preservação e transmissão. Vale ressaltar que estes detentores e difusores do conhecimento se encontravam dentro do mesmo contexto sociocultural de seu conteúdo, facilitando o entendimento e a interpretação de suas mensagens. Os novos dispositivos de registro necessitam de determinadas informações prévias, a fim de evitar distorções na compreensão das narrativas.

Nas sociedades orais, as mensagens discursivas são sempre recebidas no mesmo contexto em que são produzidas. Mas, após o surgimento da escrita, o texto se separa do contexto vivo que foram produzidos. É possível ler uma mensagem escrita redigida cinco séculos antes ou redigida a cinco mil quilômetros de distância – o que muitas vezes gera problemas de recepção e interpretação. Para vencer essas dificuldades, algumas mensagens foram então concebidas para preservar o mesmo sentido, qualquer que seja o contexto (o lugar, a época) de recepção: são as mensagens *universais* (ciências, religiões do livro, direitos do homem etc.). Esta universalidade, adquirida graças à escrita estática, só pode ser constituída, portanto, à custa de uma certa redução ou fixação de sentido: é um universal *totalizante* (LÉVY, 1999, p. 15)

Enquanto os meios de comunicação, a academia e os historiadores estudam os fatos, tradições e atores históricos à distância, por meio de registros frios, quase toda interpretação feita acerca destes elementos, opiniões e ações estão sujeitas a serem descrições imperfeitas, projeções da experiência e do ponto de vista do sujeito que se propõe a compreender estes fatos – uma forma erudita de ficção. Contudo, a evidência

oral, transformando os objetos de estudo em sujeitos, contribui para narrativas históricas que não só são mais ricas e vivas, como são mais comoventes, mais verdadeiras. (BOSI, 2009, p. 137). Por estes motivos, os pesquisadores que se utilizam da escrita e dos meios mecânicos e digitais de registro histórico, continuam a se valer dos estudos baseados em entrevistas e narrativas orais. A oralidade permanece viva, mesmo, às vezes, sem o devido reconhecimento.

Dentre as formas de registro e transmissão de conteúdo, estão os meios de comunicação. Eles se valem da escrita, das imagens e, na atualidade, principalmente dos recursos orais para transmissão de suas informações e valores. Vale lembrar que, mesmo quando utiliza a oralidade, estes meios possuem grande respaldo diante da sociedade, por conta de sua difusão massiva e capital cultural que possui.

A mídia se apropria da oralidade, das informações e fatos históricos e, muitas vezes, das tradições e valores comunitários, num processo de incorporação e conversão, posteriormente transmitindo-os conforme seus interesses (SILVERSTONE, 1994). Contudo, comunidades e grupos étnicos, culturais e tradicionais, em suas atividades cotidianas, inventam, recriam e exercem sua própria comunicação, seus meios locais. Deste modo, mesmo os conglomerados comunicacionais, difusores da cultura urbana dos grandes centros do país – que adentram o cotidiano das comunidades e alteram parte de seu cotidiano, de sua cultura – provoca, nestas comunidades, processos de transformação e adaptação, mas geram também um movimento contrário de resistência, de sobrevivência e manutenção das tradições.

As complexas e eficientes redes dos conglomerados de comunicação, da economia e da cultura, também, agendam os acontecimentos e moldam os estilos de vida dos que habitam os sertões nordestinos. É, nesse movimento de transição, que emergem as tradições. Não para ‘matar a saudade’, mas como parte do processo de articulação da modernidade e do desenvolvimento regional. (TRIGUEIRO, 2000, p. 82)

Foi analisando estes pressupostos e as formas criativas de resistência e sobrevivência cultural dos grupos existentes às margens da comunicação midiática que, em 1967, Luiz Beltrão cunhou o termo Folkcomunicação, que ele mesmo define como um "conjunto de procedimentos de intercâmbio de informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais, através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore" (BELTRÃO, 1980, p. 24).

Representantes destes públicos marginalizados, aos quais Beltrão denominou de comunicadores *folks*, se apropriam dos conteúdos e da estética dos produtos midiáticos e os integra ao seu próprio modo de expressão cotidiano, criando estratégias de comunicação peculiares e eficazes, dentro de seu contexto. Segundo Osvaldo Trigueiro, mesmo sem possuir representação na grande mídia,

esses grupos possuem alternativas próprias de emissão, e criação na elaboração dos seus produtos culturais, emitem opiniões, fazem críticas, tomam posição e se apropriam de interesses que vão além dos planejados pela produção e emissão da mídia hegemônica. (TRIGUEIRO, 2008, p. 22)

Quando se trata das relações entre os comunicadores *folks* e a mídia convencional, algumas situações têm permitido uma inversão da lógica dominante. Do ponto de vista funcional, “a cultura popular pode atravessar a cultura de massa tomando seus elementos e transfigurando esse cotidiano em arte. Ela pode assimilar novos significados em um fluxo contínuo e dialético” (BOSI, 1996, p. 65).

Moradores de comunidades populares, detentores de determinado saber, artifício e técnica, ou mantenedores e contadores das tradições e histórias de outros tempos e antepassados comunicam, transmitem mensagens de outros tempos/lugares, de outras gerações e tornam-se noticiadores, via oral, de fatos e interesses dos agrupamentos urbanos a que se reportam.

Estes detentores de saberes e informações são, geralmente, respeitados em suas localidades e gozam de grande consideração social e apreço. Sua presença em festividades e solenidades é, quase sempre, requisitada. São anciãos, cantadores, religiosos, menestréis, foliões partícipes de folguedos e festejos populares, mestres de ofícios e fazeres.

Luiz Beltrão (2001) denomina estes indivíduos de agentes folkcomunicacionais – disseminadores de conhecimentos orais que são transmitidos de um indivíduo para outro, formando novos agentes, de forma democrática, onde o agora ouvinte será um meio e aquele que transmite, a fim de coletar novas histórias, será novamente ouvinte. “A informação oral corre como que nas asas do vento. O ouvinte de agora será o veículo de daqui a pouco, em razão daquela necessidade instintiva da natureza humana de informa-se e informar” (BELTRÃO, 2001, p. 146). Por seus usos e características, a oralidade é uma forma de comunicação tipicamente folkcomunicacional.

Griots. Quem são eles?

A história da libertação do continente africano e suas posteriores divisões políticas e geográficas ainda é bem recente. Embora boa parte das ex-colônias tenha optado pelo idioma do colonizador como língua oficial e estabelecido um sistema educacional próximo ao destas metrópoles, o continente africano ainda mantém fortes laços com suas tradições, dialetos, culturas e organizações tribais. Em seus grupos étnicos, as relações sociais ainda são baseadas no diálogo entre indivíduos e na comunicação comunitária. Neste contexto, detentores do saber tradicional e mantenedores da cultura oral possuem papel vital para o bom funcionamento das sociedades.

A sociedade africana está fundamentalmente baseada no diálogo entre os indivíduos e na comunicação entre comunidades ou grupos étnicos, os *griots* são os agentes ativos e naturais nessas conversações. (HAMPÁTÊ BÂ, 1982, p. 204)

Nas sociedades tribais da África, é comum a presença de contadores de história e transmissores da cultura oral, mediadores que exercem funções de guias espirituais, noticiadores, conselheiros e especialistas em ofícios do cotidiano. Esses indivíduos receberam denominações diversas, em cada agrupamento e tradição. Heloisa Lima e Leila Hernandez (2010) os denominam de fontes orais, capazes de fazer o passado alcançar o presente e afirmam que, nas savanas da África, cada nação “arquitetou o seu griô e transmitiu oralmente o conhecimento a seu respeito” (LIMA; HERNANDEZ, 2010, p. 101).

Entre os povos ocidentais do continente africano, estes indivíduos se tornaram conhecidos como *Dieli*, nas tradições da etnia Bambara, situada ao sul do Saara, ou *Jeli*, entre os Fulas, nações que deram origem ao atual Mali, no noroeste africano. Suas atividades estão fortemente ligadas ao Império do Mali, que começou a florescer no século XIII, durante o reinado de Sundiata Keita. Os dois termos – *Jeli* e *Dieli* – significam sangue, elemento que circula para manter um organismo vivo. Durante a dominação francesa no continente, estes mestres da palavra receberam a denominação *guiriot* – e posteriormente *griot* – grafia francesa da palavra *criado*, de origem portuguesa, primeiros colonizadores da região (HAMPÁTÊ BÂ, 2003).

Depositários das memórias e histórias do povo africano, os *griots* – *griotes*, no feminino – são portadores e transmissores dos conhecimentos das ciências da vida material e imaterial, das normas sociais, dos mitos, lendas, entre outros, influenciando efetivamente as sociedades nas quais estão inseridos. De acordo com o historiador malinês Amadou Hampâtê Bâ (1982), os *griots* são indivíduos de considerável inteligência, que desempenham funções de agentes da cultura, que variam de contadores de histórias a músicos e poetas populares, ao papel de agentes ativos do comércio. Como o sangue da palavra *dieli*, eles circulam pela sociedade, gozando de uma imagem social e política de grande reconhecimento, entre as comunidades, por seu saber, sua arte e seu compromisso com a palavra, com a verdade, com os ancestrais e com o divino.

Quando convidados, os *griots* podem alegrar eventos locais – atuando como espécies de palhaços – ou podem, a pedido de um nobre, atuar como genealogistas, pesquisando e contando a história de uma família, louvando seus heróis e suas glórias. Quando ligados a uma determinada tribo, visitam outros grupos como diplomatas, embaixadores e agentes da comunicação, coletando e transmitindo notícias. Como afirma Hampâtê Bâ, eles formam uma “corporação profissional compreendendo músicos, cantores e também sábios genealogistas itinerantes ou ligados a algumas famílias cuja história cantavam e celebravam”, (HAMPÁTÊ BÂ, 2003, p. 15).

Griôs: a reinvenção brasileira.

Na cidade baiana de Lençóis – localizada na Chapada Diamantina – no final dos anos 1990, experiências de ações comunitárias e sociais deram origem a um projeto de educação e cultura para jovens denominado Grão de Luz, capitaneado pela educadora Líllian Pacheco. Este projeto, cujo nome está ligado às formas como os garimpeiros chamavam os diamantes, buscava valorizar, por meio de oficinas de arte, a cultura local e as vivências dos participantes. Para tanto, foram incorporadas aos seus referenciais metodológicos diversos estudos ligados às práticas educacionais que valorizam as diferenças raciais, sociais e culturais e que utilizam as vivências do cotidiano e as tradições orais, principalmente as de raízes afro-indígenas (PACHECO, 2006).

A busca pelas experiências ligadas às tradições levou o Grão de Luz a travar contato com os rituais *griots*, havendo uma identificação imediata de seus princípios com as práticas adotadas pelo projeto. A partir deste encontro, foi sendo desenvolvida uma prática educativa voltada ao biocentrismo, a qual Lílian Pacheco (2006) denominou Pedagogia Griô, com o termo francês sendo abrigado.

A incorporação das tradições *griots* africanas, aliadas às práticas de vivências educacionais biocêntricas, deu origem a uma releitura destas tradições, sendo seus elementos incorporados e adaptados ao contexto brasileiro, num processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mantendo, contudo, uma relação dialógica com a contemporaneidade. Toda esta prática dá origem a novas redes de convenções, como pontua Eric Hobsbawn (2008), que se utilizam de elementos antigos e folclóricos na elaboração de novas tradições, com finalidades bastante originais.

Como artistas do invisível, reinventou-se o griô africano, convidando a comunidade e escola para a roda da vida, um ritual onde passado e futuro se encontram no presente pleno de aprendizagem, contando mitos e símbolos que existem no inconsciente coletivo de nossas raízes afro-brasileiras. Velhos, estudantes, educadores e lideranças viveram o desafio de dançar no centro da roda, do mundo e de sua própria identidade, jogando seu verso e sua história, e a partir daí ressignificar a vida e o currículo de educação municipal. (PACHECO, 2006, p. 80)

A Pedagogia Griô é originada de um processo de incorporação/ressignificação que, exatamente por isto, não é apenas africana, indígena, nem tampouco ibérica-mourisca. Trata-se de uma relação, de resultados riquíssimos, que busca preservar o passado, aplicando-o ao presente, gerando uma nova tradição, tipicamente brasileira.

Por tradição inventada entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWN in HOBSBAWN; RANGER, 2008, p. 09)

No ano de 2006, o projeto Grãos de Luz e Griô lançou – no Encontro Sul Americano de Culturas Populares – a Ação Griô, com intuito de compartilhar a experiência de Lençóis com outras partes do Brasil. Neste mesmo ano, a Ação Griô foi incorporada como política pública do Programa Cultura Viva, um programa de governo

desenvolvido pelo Ministério da Cultura, durante a gestão Gilberto Gil / Juca Ferreira (2003 – 2010), que seguia a linha política de inclusão adotada pelo Governo Federal. O Programa Cultura Viva – Cultura, Educação e Cidadania – foi instituído oficialmente em 2004, sendo voltado à difusão e ampliação dos meios de formação, criação, difusão e fruição de cultura e seu acesso aos cidadãos em situação de risco ou exclusão social (BRASIL, 2010).

Dentre as políticas públicas do Cultura Viva figuram os Pontos de Cultura, unidades locais voltadas à potencialização de ações culturais e que são desenvolvidas por meio de parceria entre o Ministério da Cultura e a sociedade civil organizada – na forma de associações, ONGs e instituições educacionais. Este pacto com o Estado fortalece e permite um maior reconhecimento destas organizações culturais.

Os Pontos de Cultura foram assimilados facilmente pelas localidades onde foram implantados, pois não tentam criar, nem inventar nada, e sim ampliar as ações e realizar anseios pré-existentes nas comunidades. Assim, é possível encontrar Pontos de Cultura vinculados às mais diversas formas de fazeres culturais, pois “o conceito de Ponto de Cultura é o que eles já praticam: trabalho compartilhado e o desenvolvimento de atividades culturais respeitando a autonomia e o protagonismo das comunidades” (TURINO, 2010, p. 17).

O Grãos de Luz e Griô tornou-se, ele mesmo, um Ponto de Cultura e, em 2007, elaborou, junto com o MinC, ações voltadas a implantar a Ação Griô, inicialmente, em 50 Pontos de Cultura e organizar trabalhos coletivos que culminaram na sistematização do livro *Nação Griô* (2006), contendo vivências e atividades de valorização das tradições orais, além da confecção do filme *Eu Griô* (2006), com outros relatos e afirmações da identidade do povo brasileiro, oriundos de várias partes do país.

Adequando-se às recomendações do Programa Cultura Digital – outra ação do Cultura Viva – além de recursos para execução de suas propostas, cada Ponto de Cultura recebe um conjunto de equipamentos voltados à produção e difusão da cultura digital. Este kit conta com câmeras fotográficas, filmadoras e computadores com softwares livres, voltados à manipulação de áudio e imagem e ainda com conexão banda larga (BRASIL, 2010).

O empoderamento social nos Pontos de Cultura pode provocar transformações que vão muito além da cultura em um sentido estrito e desencadear mudanças nos campos social, econômico, de poder e valores. Ao

concentrar sua atuação nos grupos historicamente aliados das políticas públicas (seja por recorte socioeconômico ou no campo da pesquisa e experimentação estética), o Ponto de Cultura potencializa iniciativas já em andamento, criando condições para um desenvolvimento alternativo e autônomo, de modo a garantir sustentabilidade na produção da cultura. É a cultura entendida como processo e não mais como produto. (TURINO, 2010, p. 37)

Relações folkcomunicacionais

Ao associar a posse dos equipamentos, sua técnica e produção – seja ela social, cultural ou etnográfica – aos seus desafios cotidianos, as comunidades tradicionais ou em situação de risco apropriam-se da linguagem dos meios de comunicação e dão a ela uma ressignificação própria, valorizando e difundindo suas manifestações e tradições.

A Ação Griô buscou formas de utilizar as novas tecnologias disponíveis para auxiliar no processo de registro, catalogação e difusão do conteúdo. Desde então, muito do conteúdo oral, artístico, histórico e de afazeres, além das tradições culturais, vem sendo sistematicamente registrado, organizado e difundido, por meio de sites, vídeos, livros, gravações sonoras e atividades locais, como cursos e oficinas. Entre os principais portais virtuais da difusão do conhecimento griô, destacam-se o site do próprio Ponto de Cultura Grãos de Luz e Griô⁴ e a página da Ação Griô Nacional⁵, onde pode ser encontrado grande acervo ligado às atividades de pesquisa e documentação da memória tradicional africana.

Estes materiais, realizados de maneira colaborativa, visam ampliar a área de ação e influência dos conhecimentos griôs, reconhecendo, nas comunidades, um número cada vez maior de detentores dos saberes orais e formando novos interessados em manter vivas estas atividades e tradições. Para facilitar tal processo, foi sistematizado um método de cognição, por meio das vivências e do cotidiano, e uma hierarquia, por idade e nível de aprendizagem, que inclui Mestres, Griôs e Aprendizes.

A figura do aprendiz tem funções bem distintas. Além de ocupar lugar de aprendizagem, a fim de manter viva a memória, o aprendiz, ao dialogar com os mestres e os griôs, busca provocá-los, fazendo uma ponte entre seu conhecimento e o mundo.

⁴ <http://www.graosdeluzegrio.org.br/>

⁵ <http://www.nacaogrio.org.br/>

Onde estavam na comunidade os personagens que traziam a cultura viva na sua memória e no seu jeito de viver? Para encontrar os personagens da cultura da comunidade, alguns já esquecidos no tempo, era importante inventar um aprendiz que se iniciasse e dialogasse com eles (PACHECO, 2006, p. 79)

Os trabalhos de organização e desenvolvimento da Pedagogia Griô, no Brasil, vêm realizando diálogos e pesquisas que transpõe papéis formais, pois exigem vivências afetivas e culturais, a fim de compreender um mundo simbólico, quase sempre reconhecível por meio do imaginário ou de rituais.

O principal registro da tradição oral é a memória vivencial e dialógica afetiva cognitiva e motora. É uma memória dançante, cantante, contadora de histórias e conversadora. O Brasil precisa do caminhante (do griô aprendiz) que entrega sua corporeidade, sua pele, sua voz, seus sentimentos, sua palavra divina para gravar a continuidade da história viva da tradição oral. Um caminhante que se entregue à caminhada para ligar os fios familiares e comunitários das redes de transmissão oral. (PACHECO, 2006, p. 44)

Estes diálogos serviram para definir algumas características que, segundo a Ação Griô Nacional, são úteis para o reconhecimento e a manutenção das tradições. De acordo com estas definições, a palavra griô deve se referir a todo cidadão ou cidadã, que se reconheça, ou seja, reconhecido pela sua própria comunidade como mestre das artes, da cura e dos ofícios tradicionais, líder religioso de tradição oral, brincante, cantador, instrumentista, contador de histórias ou poeta popular que, através de uma pedagogia que valoriza o poder da palavra, da oralidade, da vivência e da corporeidade, se torna a biblioteca e a memória viva de seu povo.

Em sua caminhada pelo mundo, o griô deve transmitir saberes e fazeres de geração em geração, fortalecendo a ancestralidade e a identidade de sua família ancestral e comunidade. As histórias vivas contadas e cantadas pelos griôs funcionam como um chamamento à valorização do cotidiano. Por sua vez, esta valorização funciona como um religante, conduzindo a um retorno ao ideal comunitário (MAFFESOLI, 1995).

Além das aproximações e similitudes de características dos griôs com os agentes folkcomunicacionais – como o de papel de liderança social ou espiritual, reconhecimento da comunidade, preocupação em cuidar e manter o patrimônio imaterial de seu grupo social e por exercerem funções de noticiadores e relatores – muitas das

atividades exercidas pela maioria do griôs, no Brasil, bem como alguns elementos de suas tradições, encontram-se catalogadas, desde os anos 1950, por Luís da Câmara Cascudo, em seu célebre Dicionário do Folclore Brasileiro (2012), extenso inventário da cultura popular e das tradições nacionais.

São exemplos das atividades griôs, no Brasil, a de congadeiro, jongueiro, folião de reis e de bois, capoeira, parteira, zelador de santo, juremeiro, raizero e erveiro, caixeiro, carimbozeiro, rezador, violeiro, sanfoneiro, rabequeiro, cirandeiro, quadrilheiro, folião de maracatu, de coco, de marujada, de catira, brincantes de roda e de batuques, cantadores cânticos indígenas – como *torés*, *awês* e *heruês*, artista de circo, artista de rua, bonequeiro, mamulengueiro, repentista, cordelista, pajé, sambadores, artesãos, fabricantes de instrumentos folclóricos, como berimbau, tambor e rabeça e fazedores de todas as demais expressões culturais populares que se desenvolvam e se transmitam de forma oral e tradicional.

Vale ressaltar que a maioria destas tradições orais está presente no cotidiano de várias comunidades pelo Brasil, contudo, pouco se relaciona com a educação formal ou com os meios de comunicação de massa. As atividades da Ação Griô Nacional não só difundem estas tradições, como as valorizam e fazem com que os sujeitos envolvidos em suas ações de preservação sintam-se reencantados com seu cotidiano e legitimem sua existência ao reconhecerem seus pares e serem reconhecidos.

Reconhecer a tradição oral é considerar que o patrimônio cultural brasileiro não se reduz ao que está escrito nos livros e, portanto, não é propriedade de pessoas alfabetizadas ou letradas. É considerar que o patrimônio cultural é também formado por um tesouro vivo de bens imateriais que são transmitidos oralmente de geração em geração em diversas áreas do conhecimento, não apenas nas artes e na religião. Existe um sistema de educação informal, uma cultura que resiste ao ciclo intergeracional da pobreza preservando e produzindo uma riqueza cultural e identitária no Brasil. (PACHECO, 2006, p. 41)

As atividades folkcomunicaçãois aliadas à cibercultura são vitais para o êxito destes intentos. Num novo cenário virtual, a internet apresenta-se como uma localidade habitada por uma comunidade que, embora não possua laços sanguíneos, possui afinidades de interesses. Este novo território é também espaço para as andanças dos griôs e de suas histórias e tradições. Segundo Pierre Lévy,

uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais (LÉVY, 1999, p. 127)

Por meio do ciberespaço, as tradições e histórias orais dos griôs podem percorrer o mundo e encantar povos de outras nações, ampliando o terreno de peregrinação destes anciãos e de seu saber. A roda da vida excede os limites geográficos e pode ecoar em diversas partes do mundo. O que antes estava relegado ao esquecimento, ganha fôlego e passa a ser compartilhado e conhecido em diversas localidades. O griô continua sendo um diplomata, um noticiador, um contador de histórias, mas seu público ouvinte é muito maior. Ao disseminar seus saberes, os griôs fortalecem a si e às suas redes, num processo cíclico de trocas.

As estratégias de médio e longo prazo de valorização da tradição oral precisam priorizar seus princípios e práticas. Para registrar por escrito seus saberes, é necessário potencializar a rede de transmissão oral e seus autores – os griôs e mestres – possibilitando-lhes o vínculo e o reconhecimento diante das novas gerações e dos sistemas formais de ensino e aprendizagem. Esta nos parece ser uma estratégia de vital importância. (PACHECO, 2006, p. 44)

A chegada dos conhecimentos orais ao ciberespaço, seja por hipertexto, áudio ou vídeo, potencializa um reencantamento com certas tradições que estavam esquecidas, desconhecidas; levando grande quantidade de novas e ricas informações a outros públicos, alegrando novos ares e fazendo a roda da vida, proposta pela Pedagogia Griô, ganhar fôlego, habitar imaginários e ser redescoberta. Como afirma Peter Burke, “na tradição oral, os textos se comportam como melodias” (BURKE, 2010, p. 175). São canções da ancestralidade, cânticos de vida.

Algumas considerações

Os estudos que originaram este artigo, assim como as batalhas a serem travadas pela Ação Griô Nacional, não encontraram ainda um ponto final. Longe disto, são ponto de partida para outros trabalhos mais acurados. No momento da confecção deste trabalho, a Ação Griô continua a percorrer o país, numa atividade de mobilização geral dos setores envolvidos com a arte, a cultura e a educomunicação, a fim de conseguir a

aprovação de uma proposta de lei que implante a Pedagogia Griô nas escolas de todo o Brasil. A ideia não é substituir a cognição formal, nem ao menos suprimi-la, mas promover um diálogo entre o ensino escolástico com os conhecimentos tradicionais, a oralidade e a cultura do cotidiano, complementando o aprendizado e utilizando o saber dos griôs da mesma forma que o ensino se serve dos livros.

Embora pareçam utópicas, algumas experiências, principalmente em Lençóis e outros municípios baianos, têm provado o contrário. Conhecer sua realidade local e a história de seu povo, sua comunidade, facilita aos alunos o aprendizado do saber global, como também permite experiências lúdicas e vivências ricas aos estudantes submetidos a este diálogo da tradição com o contemporâneo.

Outros diálogos colaboram com a reinvenção das tradições griôs no Brasil. As atividades folkcomunicaçãois desenvolvidas pelos mestres e griôs encontram nas novas tecnologias outras formas de registro e meios alternativos de divulgação, fazendo com que cada vez mais pessoas tenham acesso às tradições, às práticas e às histórias que são transmitidas, de boca em boca, há gerações.

Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: A comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BRASIL. **Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania Cultura Viva: autonomia, protagonismo e fortalecimento sociocultural para o Brasil**. Ministério da Cultura. Programa Cultura Viva. Ed. 2010. Disponível em <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/wp-content/uploads/2010/11/cat%C3%A1logo-2010.pdf> Acesso: 14 de maio de 2012.

BURKE, Peter. **Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500 – 1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. São Paulo: Global, 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HAMPÁTÊ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.) **História Geral da África**. São Paulo: Ática, 1982.

_____. **Amkoullel: o menino fula**. São Paulo: Palas Athena, 2003.

HOBSBAWN, Eric. A invenção das tradições. In: HOBSBAWN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIMA, Heloisa Pires; HERNANDEZ, Leila Leite. **Toques do griô**. São Paulo: Melhoramentos, 2010.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995;

PACHECO, Lillian. **Pedagogia Griô: a reinvenção da roda da vida**. Lençóis, BA: Gráfica Santa Helena, 2006.

SILVERSTONE, Roger. **Televisión y vida cotidiana**. Buenos Aires: Amorrortu, 1994.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Do rural ao urbano: o papel da televisão. In: GADINI, Sérgio Luiz (Org.). **Cadernos de Comunicação 6: Fragmentos & discursos da cultura midiática**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2000.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa: Editora UFPB, 2008.

TURINO, Célio. **Ponto de cultura: o Brasil de baixo para cima**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2010.